

Poesia *kiswahili* ameaçada de extinção

A invasão cultural estrangeira e a falta de registros históricos estão fazendo com que essa língua falada por milhões de pessoas perca cada vez mais espaço na cultura africana

Até há bem pouco tempo, era comum que a arte na Tanzânia fosse um canal de expressão de algum tipo de protesto. Canções e poemas em *kiswahili*, o idioma nacional, denunciavam dirigentes desonestos, criticavam esposas e maridos adúlteros e serviam até para alfinetar os maus vizinhos.

“Hoje em dia parece que só têm êxito os desenhistas humorísticos...os outros artistas fazem críticas unicamente nos bastidores”, observa Nathaniel Mbagi, da Universidade de Dar-es-Saalam. “É como se os artistas não tivessem contra o quê protestar ou não conseguissem encontrar uma linguagem para expressar-se”, lamenta ele.

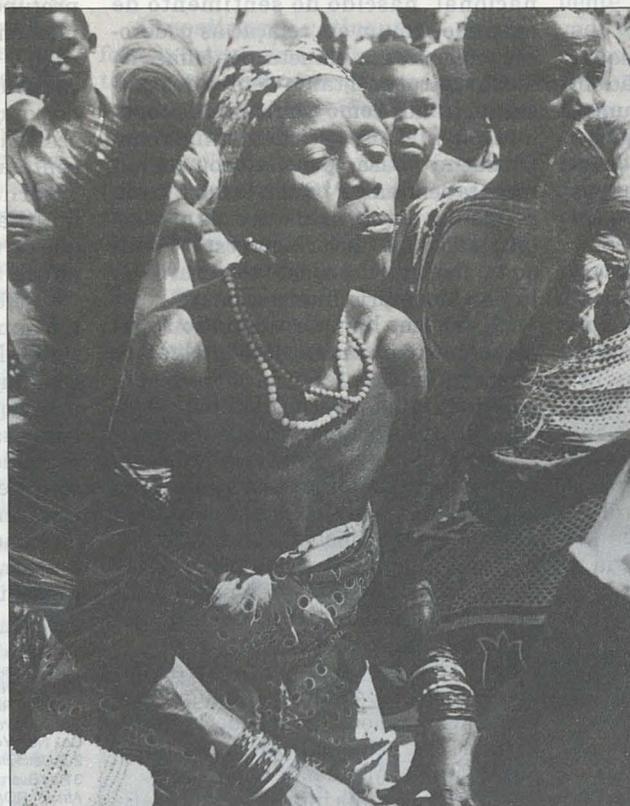
Mbagi dedica-se à pesquisa do *kiswahili*, também conhecida como *swahili*, a língua de origem bantu que cerca de 50 milhões de pessoas falam na África Oriental e parte da África Central.

Mbagi preside o Clube Kiswahili da universidade, cujas atividades incluem a organização de reuniões culturais, onde artistas consagrados e principiantes disputam o reconhecimento de seus colegas. Durante anos, os encontros do Clube Kiswahili reuniam acadêmicos, estudantes e artistas da Tanzânia e de outros países cujo interesse comum era o *kiswahili*. Destes atos culturais participaram poetas de lugares como Quênia, Uganda e os Estados Unidos. “Escutamos a leitura de poemas do século XIII e também as

obras recentes de poetas jovens”, conta Mbagi.

Os eventos artísticos incluem música, dança, relatos de histórias dramáticas e a representação teatral de obras curtas, tanto clássicas como contemporâneas, sem esquecer a poesia *kiswahili*, que conserva alguns dos poemas mais antigos do continente.

Poesia de protesto - Nathaniel Mbagi recorda um dos encontros culturais do Clube, quando o escritor rebelde



A manutenção de suas tradições culturais é um dos principais desafios para as novas gerações de africanos

Abdulatif Abdulla, um ativista dos direitos humanos do Quênia, leu um de seus poemas sobre o protesto de um feto cuja mãe estava por fazer um aborto. Na poesia, a criança por nascer rogava à mãe que perdoasse sua vida, dizendo-lhe que se tivesse oportunidade de crescer, se converteria em um dos salvadores do mundo.

“Algumas pessoas na platéia compreenderam que o poema aludia aos assassinatos permanentes de presos políticos e às ameaças contra a vida do poeta proferidas no Quênia, mas as mulheres e alguns homens choraram durante a sua leitura”, lembra o professor.

Segundo ele, muitos dos artistas tanzanianos costumam ser veementes, característica que evoca épocas passadas, quando alguns poetas chegavam até a questionar a existência de Deus, em aberto choque com as tradições, já que a poesia *kiswahili* foi muito influenciada pelo Islã.

Durante a época do socialismo tanzaniano, entre os anos 60 e 80, muitos artistas consideravam a religião como “desviacionista”. Atualmente, a arte *kiswahili* parece haver perdido força na Tanzânia. “Tem-se a impressão de que as mudanças políticas e sócio-econômicas em desenvolvimento pegaram de surpresa os artistas, que não conseguem mais encontrar uma forma de expressar-se”, observa o acadêmico.

Os artistas acreditam que o retrocesso se deve em parte às indústrias culturais do país e do estrangeiro que não levam a sério a literatura escrita nos idiomas africanos. Por outro lado, tais indústrias não tentam preencher a brecha existente entre os idiomas europeus e os africanos. Por exemplo, apesar do crescente número de pessoas que falam o *kiswahili* no mundo, inclusive nos Estados Unidos, nenhum filme importante foi feito nesse idioma. “O desfecho dessa história será que nossos filhos continuarão assistindo filmes policiais estrangeiros, e os atos culturais do Clube Kiswahili desaparecerão”, lamenta Mbagi.